

## O GLOBO E O ADEVÉRBIO NÃO VAREIAM

Khal RENS CÂNDIDO  
(Universidade Federal de Uberlândia)  
khalrens@hotmail.com

**Resumo:** O trabalho que se apresenta é parte do projeto, em finalização, *Memória e Língua Portuguesa: analisando O Globo*, no qual, baseados nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso francesa (AD), mais especificamente, na noção de memória discursiva, buscamos descrever e analisar o posicionamento do jornal O Globo em relação à língua portuguesa. Recortamos para análise o texto *Adeverbio não vareia*, de Sérgio Bermudes, publicado originalmente na seção *Opinião* da edição *on-line* do jornal O Globo. Atualmente, esse texto encontra-se nos históricos da seção *Capa*, do mesmo jornal. O texto em análise traz como temática a aprovação, por parte do Ministério da Educação (MEC), do livro didático *Por uma vida melhor*, escrito por Heloísa Ramos. Ao escrever o texto que tomamos para análise, Bermudes (2011) leva em consideração e visa a responder à opinião do MEC, quanto ao livro didático em questão. Deste modo, buscamos nesse trabalho em específico, analisar o texto produzido por Bermudes (2011) no que concerne à escolha lexical, com o objetivo de analisar os efeitos de sentido que essa escolha causa, revelando também o posicionamento do jornal O Globo em relação ao conceito de língua.

**Palavras-chave:** Discurso; Memória; O Globo; Texto de Opinião

### 1. Introdução

Neste trabalho, baseados nos pressupostos da Análise do discurso francesa (AD), procuramos analisar o texto *Adeverbio não vareia* de Sérgio Bermudes. O texto em questão faz parte de um *corpus* maior, com o qual trabalhamos no projeto de pesquisa *Memória e Língua Portuguesa: analisando O Globo*. Esta pesquisa encontra vinculada ao projeto *Análise discursiva dos processos de institucionalização e legitimação das línguas portuguesa e espanhola*, e conta com a orientação da Professora Dra. Heloisa Mara Mendes (UFU).

Nossa intenção é, tendo como base os pressupostos da AD, principalmente na noção de memória discursiva, analisar e descrever o posicionamento do jornal O Globo em relação à língua portuguesa.

Nesta oportunidade iremos propor uma análise do texto *Adeverbio não vareia*, que foi publicado originalmente na seção *Opinião*, mas que atualmente encontra na sessão *Capa* da versão *online* de O Globo.

A opção pela análise do jornal O Globo encontra-se justificada no fato de esse ser um dos jornais de maior circulação no Brasil e de estar ligado à emissora de televisão com o maior índice de audiência nacional, segundo o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). Nem sempre os telespectadores da Globo são leitores de O Globo, no entanto a credibilidade que a rede de televisão parece possuir entre os telespectadores poderia influenciar na recepção dos conteúdos veiculados nos demais meios de comunicação das Organizações Globo.

Alia-se aos fatos destacados acima, o posicionamento e influência histórica das Organizações Globo, ao longo das últimas décadas, em questões nacionais. Nossa motivação, em alguma medida, remete ao levantamento dos sentidos que emergem dos artigos de opinião, que abordam o tema língua portuguesa, dos leitores ligados ao jornal O Globo. Além disso, pretendemos analisar se esses sentidos estariam ligados ao posicionamento conservador

que parece marcar as Organizações Globo ao longo do tempo, posicionamento este apontado pelo historiador norte-americano Thomas Skidmore (1988).

O motivo pelo qual escolhemos textos de opinião de leitores, enviados a versão *online* do jornal em questão, pauta-se no fato de que a seção *Opinião*, aparentemente, ofereça maior liberdade de expressão aos leitores/autores, apesar de estar hospedada no jornal, o que pode levar a crer que essa seção, por expressar a opinião do público leitor, não venha a sofrer coerções de O Globo.

Com relação à publicação de textos enviados por leitores, o jornal posiciona-se da seguinte maneira:

O Globo acolhe opiniões sobre todos os temas. Reserva-se, no entanto, o direito de rejeitar textos com acusações sem provas, preconceitos de qualquer ordem, que promovam a violência ou que estejam em desacordo com as leis brasileiras. Os conteúdos publicados não expressam a opinião d'O Globo (O GLOBO, 2011).

Contudo, ressaltamos que mesmo O Globo afirmando que acolhe as opiniões, e os conteúdos veiculados não expressarem sua opinião, no interior da AD, tudo que é difundido nesse veículo de comunicação é constitutivo de seu posicionamento e contribui para a construção de sentidos que emergem a partir daí.

Deste modo, partimos de uma evidência de ordem mais histórica e cultural, a saber, o posicionamento político conservador e a influência de O Globo no cenário brasileiro, visando analisar *Adevérbio não vareia*, com a finalidade de verificar linguisticamente os discursos que emergem deste texto, constatando se esses fazem aliança a discursos conservadores, o que atualiza toda uma memória discursiva vinculada ao O Globo.

## 2. Memória discursiva

Como nos alerta Pêcheux (1999, p.50), a memória, no sentido que nos propomos abordar, não deve ser entendida como a “memória individual”, e sim como “memória social inscrita em suas práticas e da memória construída pelo historiador” (PÊCHEUX, 1999, p.50).

Deste modo, como nos aponta Orlandi (1999, p. 31), a memória discursiva é o saber discursivo que torna possível todo o dizer, e que retorna, sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. Assim, há uma relação discursiva com algo que é dito antes, em outro lugar, independente do que se situa agora.

Admitimos assim que cada tomada de palavra é sustentada e permitida por um já-dito, vindo a negar ou a filiar com o já-dito. Não havendo necessidade de explicação de certos conceitos e ideologias já afirmadas, pois com o advento da memória esses conceitos são retomados para serem negados ou reafirmados.

Pêcheux (1999, p.52) nos afirma que,

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’(quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que a leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.(PÊCHEUX, 1999, p. 52)

Segundo Achard (1999, p.13), não é possível encontrar ou provar esses implícitos, que não estão “guardados nos níveis da memória discursiva como em um fundo de uma gaveta[...]”(PÊCHEUX, 1999, p.52).

Seria então na “regularização”, termo proposto por Achard, que é resultado de repetições, que residem os implícitos, “sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase [...]” (PÊCHEUX, 1999, p.52).

Assim, para que um discurso tenha sentido, é necessário que ele faça sentido, contendo ali uma regularização dos implícitos, ou até mesmo outra força que faça desregularizar, negar esses implícitos. Ou seja, o discurso baseia-se em formulações feitas e já esquecidas, que serão retomadas ou negadas.

### 3. Análise

Em nossa análise de “Adevérbio não vareia”, procuramos verificar as escolhas lexicais que compõem o texto, com o objetivo de analisar os efeitos de sentido que essa escolha causa, revelando também o modo com o qual o sujeito do discurso se posiciona diante do conceito de língua.

O texto ao qual nos referimos traz como temática a aprovação, por parte do Ministério da Educação (MEC), do livro didático “Por uma vida melhor”, escrito por Heloísa Ramos. O texto é de autoria do advogado e professor de Direito da PUC-RJ, Sérgio Bermudes, tendo sido publicado, originalmente, na seção ‘Opinião’ da edição on-line do jornal O Globo, mas, atualmente, encontra-se nos históricos da seção ‘Capa’, do mesmo jornal.

Bermudes (2011) inicia seu texto fazendo referência a um episódio entre dois políticos do início do século XX, Hermes da Fonseca, presidente do Brasil entre 1910 e 1914, e Pinheiro Machado, senador e líder do Partido Republicano, no período em que Hermes da Fonseca fora presidente da república. No episódio em questão, Hermes da Fonseca teria dito “bate com menas força”, ao que, segundo Bermudes (2011), Pinheiro Machado teria dito que “Adevérbio não vareia”, como resposta à frase dita por Hermes da Fonseca.

Partindo do episódio descrito acima, Bermudes (2011) supõe que a autora Heloisa Ramos (2011) aprovasse a sentença “adevérbio não vareia” dita por Pinheiro Machado, devido ao fato de que, em seu livro didático, ela “aceita que se fale ‘os livro’ (no plural o artigo e no singular o substantivo), embora com o risco de “preconceito linguístico”, que seria a reprovação da sintaxe inusitada.” (BERMUDES 2011).

Bermudes (2011) levanta outras orações consideradas por ele “erradas”, e que são vistas por Heloisa Ramos como “aceitáveis”. Citamos, como exemplo, “nós pega o peixe” e “os menino pega o peixe”, ambas presentes no livro “Por uma vida melhor”.

A partir do levantamento de alguns exemplos de orações presentes no livro de Heloisa Ramos, Bermudes (2011) passa a fazer uma série de insultos contra Ramos.

Deus a perdoe e os demônios lhe levem os erros escancarados. Só se explicam atitudes desse tipo por parte de pessoas que, não conseguindo se projetar por alguma apreciável criação original, se empenham em se destacar pelo anômalo... (BERMUDES, 2011, não paginado).

No decorrer do texto, o autor utiliza-se, como apontaremos em nossa análise, de termos pejorativos como “livreco” e “baboseira”, ao referir-se ao livro “Por uma vida melhor” e ao conteúdo presente nele. Bermudes (2011) faz uso, durante sua exposição, de termos pouco utilizados no dia a-dia, arcaísmos como “alfarrábio” e “estruge”. O autor faz menção a polêmicas literárias do início do século XX, na tentativa de embasar sua crítica contra a aceitação, em alguns contextos, de frases que não respeitem a concordância verbal e nominal prescritas na gramática normativa da língua portuguesa.

A exemplo de uma polêmica citada no texto, temos a que ocorreu entre Rui Barbosa e Machado de Assis, na qual Rui Barbosa diz que Machado de Assis, “apesar de seu estilo prestimoso”, nunca foi exemplo de perfeita linguagem, já que, em sua obra, é possível

encontrar construções sintáticas como “faziam tantos anos”, que não são prescritas nas gramáticas normativas de língua portuguesa.

No texto, após outras referências a literatos, Bermudes (2011) apoia-se na "Nova Gramática do Português Contemporâneo", de Celso Cunha, no que se refere a “falar corretamente”. Bermudes (2011) utiliza-se do seguinte trecho presente na gramática de Cunha: "falar correto significa o falar que a comunidade espera, e erro em linguagem equivale a desvios desta norma, sem relação alguma com o valor interno das palavras ou formas", (não foi dada a referência pelo autor).

Nessa alusão que Bermudes (2011) faz à gramática de Celso Cunha, há uma tentativa de subversão à afirmação feita pelo próprio Celso Cunha em um tópico intitulado “Noção de Correto” (CUNHA et CINTRA, 1985, p.5), no qual Cunha afirma também que o conceito de norma e correção idiomática é digno de controversas. Comprovando que Bermudes tenta subverter a citação do gramático a que ele recorre, temos o seguinte trecho de Cunha et Cintra (1985, p. 7):

Entre atitudes extremadas, dos que advogam o rompimento radical com as tradições clássicas da língua **e dos que aspiram a sujeitar-se a velhas normas gramaticais**, há sempre lugar para uma posição moderada [...] que, a nosso ver, melhor consubstancia os ideais de uma sã e eficaz política educacional e cultural dos países de língua portuguesa. (CUNHA et CINTRA, 1985, p. 7, grifos nossos)

Citando Eugênio Coseriu (1962), Cunha et Cintra (1985) ainda afirmam que “Na linguagem é importante o pólo da variedade, que corresponde à expressão individual, mas também o é o da unidade, que corresponde à comunicação [...] a garantia de intercompreensão” (Coseriu, 1962, n.p.)

Assim, novamente, afirmamos que Bermudes (2011), ao citar Cunha et Cintra (1985), o faz recortando algo fora do contexto, na intenção de usá-lo como argumento de autoridade. Entretanto, o discurso presente no tópico de onde foi retirada a citação usada por Bermudes (2011), parece aliar-se com o discurso de relativização dos conceitos de certo e errado.

Bermudes (2011), em sua crítica, afirma:

A língua é um fenômeno social. Por isso, aceitam-se construções anômalas, que a comunidade concebeu pela necessidade de expressar-se com adequação e comodamente. Daí, as chamadas "elegâncias de linguagem", ou mesmo as figuras de construção, errôneas só na aparência, porém corretas no conteúdo, como os idiotismos (v. g., "nós é que somos patriotas"). Repugna, no entanto, à comunidade e, nela, até às pessoas de linguajar pobre, mais do que os preciosismos, a maneira estropiada de dizer, **só usada na chula algaravia**, tal como "os livro", "nós pega o peixe", "os menino pega o peixe". (BERMUDES, 2011, s.p. grifos nosso)

A discussão que emerge desse trecho nos faz refletir sobre o quanto a língua está atrelada ao poder. Gnerre(1985) nos atenta para o fato de que:

Uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais. (Gnerre, 1985, p. 4)

Logo, não se trata de apenas aceitar a linguagem dita “pobre” do outro, ou conferir àquela variedade linguística o “uso na chula algaravia”, como atesta Bermudes (2011). A

questão que tange à determinação desta ou daquela variedade linguística como norma dita padrão se encontra no campo do poder, sendo legitimada a variedade associada à classe social dominante. “A partir de uma determinada construção cultural, foi extraída e definida uma variedade linguística usada, como já dissemos, em grupos de poder...” (GNERRE, 1985, p. 5-6).

Por fim, Bermudes (2011) faz referência a um episódio ocorrido entre ele e sua cozinheira, no qual, após o autor perguntar o que ela achava da construção da frase "menos é adivérbio e adivérbio não vareia", a cozinheira respondeu "Santo Deus!", exclamação essa que, segundo Bermudes (2011), foi a mesma que lhe ocorreu quando ele entrava em contato com a notícia da aprovação do livro de Heloisa Ramos, considerado por Bermudes (2011) como “temerário”.

No trecho, “Segundo a reportagem, o tal livreco - ‘Por uma vida melhor’, da coleção ‘Viver e aprender’ - aceita que se fale ‘os livro’”(BERMUDES, 2011), temos a palavra “livro” no diminutivo perjurativo, sendo grafada por Bermudes (2011) como “livreco”. Como expõe Bechara (1999), além das ideias de tamanho, as formas diminutivas podem traduzir nosso desprezo e nossa crítica diante de objetos e pessoas. Desta forma, o emprego do vocábulo “livreco” causa o efeito de diminuição e desprezo pelo conteúdo exposto pelo livro. Logo, quem lê pode aliar-se ao sujeito do discurso e considerar o livro “Por uma vida melhor” como algo sem relevância educacional.

No fragmento,

Deus a perdoe e os demônios lhe levem os erros escancarados. Só se explicam atitudes desse tipo por parte de pessoas que, não conseguindo se projetar por alguma apreciável criação original, se empenham em se destacar pelo anômalo. (BERMUDES, 2011, s.p.)

Bermudes (2011) afirma que a autora do livro não possui nenhuma criação original e apreciável. Para ele, a autora estaria tentando ganhar destaque por meio de criações “anômalas”, que vão contra a norma culta da língua portuguesa.

Destacamos a palavra “anômalo”, presente no trecho citado acima. Anômalo é designativo dos seres vivos que se afastam do tipo ou da norma a que geralmente pertencem. Muito provavelmente, o autor do texto assume o sentido do verbete anômalo, tal como o dicionário da Academia Brasileira de Letras (2008) o define, a saber, aquilo que se difere da norma, sendo diferente do normal ou habitual.

Assim, com base no trecho acima citado, emerge o discurso de que o que é exposto no livro “Por uma vida melhor” está em desacordo com a norma culta da língua portuguesa que, segundo Bermudes (2011), é o “modelo habitual e normal de uso”. Ou seja, para Bermudes (2011) construções consideradas aceitáveis por Heloisa Ramos, como “nós pega os peixe”, que fogem à regra exposta na gramática normativa da língua portuguesa, mas são efetivamente usadas por brasileiros, devem ser vistas como anômalas, portanto, inabituais e “erradas”. Reforça-se isso quando Bermudes (2011) utiliza-se de Camilo Castelo Branco ao referir-se como "realmente feio, é quase bestial" o fato de Heloisa Ramos aceitar as construções acima citadas.

No trecho,

Conforme a matéria do GLOBO, a autora do livro afirmou que não se aprende a língua portuguesa ‘decorando regras ou procurando palavras corretas em dicionários’. Parece que ela pretende queimar os léxicos, ainda que conformes com os alcorões da língua (BERMUDES, 2011, s.p.).

a expressão “queimar os léxicos”, faz emergir o sentido de que a pessoa que faz aliança com o discurso proposto pelo livro de Heloisa Ramos, está se rebelando contra a língua portuguesa. Em conformidade com que é dito anteriormente, com a escolha lexical da palavra “alcorões”

associando-a as regras da língua portuguesa, Bermudes (2011), remetendo ao Alcorão que é o livro sagrado do islamismo, considerado pelos islãs como objeto de respeito e que deve ser seguido, pois é a “maior dádiva de Deus à humanidade” ([www.islam.org.br](http://www.islam.org.br)), se mostra aliado ao discurso conservador de que a língua é um santuário e que necessita ser “protegida” contra “anomalias”, como as que ele considera que são propostas em “Por uma vida melhor”.

No trecho,

O Ministério da Educação saiu do habitual torpor, para defender a sua afilhada. A nota do MEC diz que o livro estimula a formação de cidadãos que usem a língua com flexibilidade (BERMUDES, 2011, s. p.).

a ocorrência do verbo “defender” acompanhado da palavra “afilhada”, faz emergir o sentido de que ocorre uma proteção do MEC à autora.

Bermudes, ao escrever seu texto, leva em consideração e visa a responder à opinião do MEC, quanto ao livro de Heloisa Ramos. Tal parecer do MEC é exposto em uma nota do jornal O Globo. Bermudes (2011), considerando que sua opinião é uma resposta à nota do MEC, faz a seguinte colocação: “Urge responder a baboseira, reproduzida na reportagem...”. Atemos nesse trecho à escolha lexical, nesse caso da palavra ‘baboseira’, que causa o efeito de sentido de que o autor rebaixa todo enunciado produzido pelo MEC em defesa do livro “Por uma vida melhor”.

O último fragmento do texto traz o seguinte relato:

Perguntei à minha cozinheira, de primário incompleto, mas arguto entendimento, o que achava da frase "menos é advérbio e advérbio não vareia". Ela reagiu com a exclamação que também me ocorreu, diante da notícia do livro temerário: "Santo Deus!" (BERMUDES, 2011, s.p.)

Acreditamos que haja duas possibilidades de interpretação para o trecho: a primeira é que a empregada não entendeu nada do que foi dito por seu patrão sobre o advérbio e por isso exclama “Santo Deus!”, a segunda é que até as pessoas de primário incompleto sabem que os advérbios são palavras invariáveis.

Diante da argumentação de Bermudes (2011) e do posicionamento que assume ao longo do texto, pode-se dizer que o sujeito do discurso assume a interpretação de que até pessoas de primário incompleto sabem que advérbios são palavras invariáveis. Assumindo esta interpretação, Bermudes (2011), novamente, rebaixa o livro “Por uma vida melhor”, o que é reforçado quando Bermudes (2011) afirma que, diante da notícia sobre o livro de Heloisa Ramos, ele teve a mesma exclamação dita por sua cozinheira “Santo Deus!”.

#### 4. Considerações finais

Em *Adevérbio não vareia*, como procuramos mostrar em nossas análises, vemos emergir um discurso que faz aliança com vários discursos conservadores, ou seja, o sujeito do discurso se posiciona diante do conceito de língua de maneira conservadora.

Esse discurso de conservadorismo linguístico que emerge de *Adevérbio não vareia* pode ser apreendido no fato do sujeito do discurso fazer retomada de episódios históricos, de instituições políticas e literárias, com a finalidade de embasar suas críticas.

Com a escolha lexical de palavras como “alcorões” para referir-se às regras gramaticais de uso da língua, o sujeito do discurso toma a língua portuguesa como um santuário a ser venerado e respeitado.

O modo como a língua portuguesa é abordada em *Adevérbio não vareia* não leva em consideração as inúmeras variedades linguísticas que ocorrem, principalmente em situações de fala. Essas variedades da língua são tomadas em tom pejorativo, tal como as escolhas

lexicais escolhidas a fim de referir-se ao livro *Por uma vida melhor*, que são pejorativas também.

Assim, por meio dos insultos dirigidos ao livro *Por uma vida melhor*, do modo de referência à autora deste livro aprovado pelo MEC, e pelo modo como o sujeito do discurso se refere à língua portuguesa de maneira geral ou às suas variações, afirmamos que nesse texto, como em outros textos analisados de O Globo, é atualizada uma memória discursiva que faz aliança com discursos conservadores e puristas relacionados à noção de língua portuguesa. Tanto em *Adeverbio não vareia* quanto nos outros textos que selecionamos para análise, por vezes, são travadas discussões que consideram a “língua” como sendo um conjunto de regras que está prescrita na gramática normativa, e que não contempla as variedades sociais e regionais da língua portuguesa.

## 5. Referências

ACHARD, Pierre. (org.) **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

Academia Brasileira de Letras. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 2009.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. (org.) **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

SKIDMORE, Thomas Elliot. **Brasil: de Castelo a Tancredo: 1964 -1985**. Tradução de Mario S. Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

[http://www.islam.org.br/o\\_alcorao\\_sagrado.html](http://www.islam.org.br/o_alcorao_sagrado.html) - acesso em: 08 de setembro de 2013.

[http://oglobo.globo.com/ece\\_incoming/adeverbio-nao-vareia-2900550](http://oglobo.globo.com/ece_incoming/adeverbio-nao-vareia-2900550) - acesso em: 08 de setembro de 2013.